



ADOÇÃO

DE MÃOS DADAS COM A VIDA ₅








Fabiana Ernesto

ADOÇÃO

DE MÃOS DADAS COM A VIDA ₅





Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino - FAE
Trabalho Acadêmico para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

AUTORA
Fabiana Ernesto

PROFESSORA ORIENTADORA
Maria de Fátima dos Santos Ribeiro - MTB 10.674

CAPA / DIAGRAMAÇÃO
Messias Gamba - IDMI Stúdio Gráfico

REVISÃO
Alice Orru



E66a ERNESTO, Fabiana Cristina Ribeiro Adoção: de
mãos dadas com a vida; Fabiana Cristina Ribeiro
Ernesto, São João da Boa Vista - SP. UNIFAE, 2007

68 p. 14x21cm

Trabalho de conclusão de curso apresentado no
Curso de Jornalismo do Centro Universitário das
Faculdades Associadas de Ensino de São João da
Boa Vista, 2007


1. Adoção, filhos, pais.I - Título





Sumário

Prefácio	7
Considerações da autora	9
Dedicatória	11
1. Definição, Processo e Caminhos da Adoção	15
Código Civil X Estatuto da Criança	16
Ainda sobre o processo	16
Caminhos e benefícios	18
Adoção bitardia	20
2. Preconceito, Traumas e Convivência	25
E o preconceito?	27
Ainda sobre a criação	28
Importância da figura paterna	29
3. O porquê da entrega	33
Abandono	34
Entrega ou doação?	34
O amor do pai adotivo	36
Os mitos da maternidade	37
4. Uma história de amor e doação	41
Minha estrela-guia	42
Medo? Um pouco.	44
5. Agora, a vez da Autobiografia	49
Meu pai	51
Minha mãe	52
Meu irmão	52
Minha filha	53
Quem sou eu	54
A meus pais adotivos	55
6. Quero adotar um filho. E você?	59
7. Histórias de Adoção	61
Referências Bibliográficas	67





PREFÁCIO

Escrever sobre adoção é mais que prazer, é a confirmação de um ato de amor consciente e que me rendeu o verdadeiro objetivo de vida. E de repente, mais do que escrever a respeito de um ato pessoal, me vejo diante de uma autora que decidiu fazer de sua condição de filha adotiva, uma obra literária. Ou, pelo menos, o seu trabalho de conclusão de curso, em forma de livro-reportagem-história. Missão cumprida.

Tempo curto. Atropelos, desencontros... Nada mudou a idéia de Fabiana. Com determinação, superou todos os obstáculos. E conseguiu reunir sua autobiografia a algumas histórias e uma pesquisa capaz de revelar os primeiros passos do processo.

Adoção: de mãos dadas com a vida. Esse é o título que traduz, de forma clara, a iniciativa de quem pretende se dedicar à maternidade. O leitor encontra ao longo das páginas, uma espécie de manual de incentivo à adoção.

O importante é abrir o coração e os braços para um pequeno Ser, à procura de seu espaço, seu lar, sua família. Os caminhos são aparentemente tranqüilos, mas na verdade, há tropeços, burocracia e o que é pior, algumas vezes, conseqüências

desastrosas. Por tudo isso, nem sempre as histórias de adoção podem ser traduzidas em casos de sucesso.

Mas Fabiana insistiu: *“Não quero registrar os casos que deram errado. Também não quero um livro técnico, que mostre as questões genéticas. Não me sinto preparada para detalhar esses aspectos. Quero unir o útil ao agradável e montar este livro como uma espécie de homenagem a meus pais. Sou filha adotiva e dou graças a Deus por estar onde estou. Se não fossem eles o que seria de mim”?*

Mais do que depoimento, essa é a “bandeira” defendida por Fabiana E não foi diferente. Além do aspecto burocrático do processo de adoção e como enfrentá-lo, o leitor vai encontrar uma linda história de amor, com depoimentos verdadeiros.

Coerente à idéia da autora, a obra termina com sua própria história. Muito além da obrigação para conquistar a graduação de Jornalismo, está a realização pessoal, a garra e a determinação dessa jovem.

Ao final, um livro de fácil leitura, vocabulário tranquilo e uma confissão, que certamente vai, não apenas emocionar, como convencer os indecisos: não deixe a sementinha morrer. Abra os braços a quem busca o seu espaço, o seu lar, a sua família. Faça de suas mãos, o amparo para uma nova vida.

Afinal, querer é poder.

Boa leitura!

São João da Boa Vista, outubro de 2007

Maria de Fátima dos Santos Ribeiro
Jornalista e Professora Universitária

CONSIDERAÇÕES DA AUTORA

O livro–reportagem **Adoção: de mãos dadas com a vida** tem a intenção de se tornar uma espécie de manual para orientar a respeito do processo de adoção de crianças, ao mesmo tempo, aborda o aspecto psicológico dos envolvidos.

Trata também assuntos relacionados aos mitos e histórias de adoção, além de conter o amparo legal e explica, de modo especial, quem pode adotar e como esse fato acontece.

O processo de adoção é complexo, mas ao mesmo tempo gratificante. Claro que envolve dúvidas, medo e uma série de sentimentos, quando se pensa no triângulo: filhos, pais adotivos e pais biológicos. Sobretudo mães, que entregam seus filhos, muitas vezes por falta de condições de os criar, ou por absoluta imaturidade, ou ainda como reação de um ato impensado, que pode gerar um enorme sofrimento. Para os filhos, a dúvida mais comum volta-se à curiosidade de saber quem são os pais biológicos, de conhecer sua verdadeira história.

Nossa proposta é orientar e ajudar a administrar essas situações na tentativa de conscientizar as pessoas a respeito desse verdadeiro ato de amor, coragem e entrega. Incentivar a

adoção é mostrar um pouco da realidade que envolve as crianças deste país. Entre as informações encontradas em nossa busca, está o resultado de uma pesquisa do IBEG que registra cerca de 200 mil crianças carentes e abandonas, no Brasil. Número considerado alto, em relação às famílias que sofrem por não terem filhos ou que recorrem a métodos artificiais, como é o caso da inseminação.

Também abordamos o preconceito que ainda rotula pais e filhos adotivos. Na verdade, queremos enfatizar a coragem, dedicação e maturidade de quem resolve adotar uma criança e ratificar o amor incondicional de pais e mães que se dedicam à criação de um filho ou uma filha tão esperados quanto os naturais.

Assim, esperamos contribuir para que mais casais se sintam realizados e cada vez mais crianças saiam do estado de abandono e encontrem uma família capaz de lhes dar o amor, o equilíbrio e a orientação para uma vida mais digna. E que os filhos adotivos sejam gratos e amem seus pais do coração.

A AUTORA

Dedicatória

Dedico este livro aos meus pais,
meu irmão, minha filha e à professora orientadora,
Fátima Ribeiro, que durante quatro anos
acompanhou, estimulou e me inspirou a esta obra.

Fátima é mãe adotante, realizada
e uma professora-amiga e dedicada.





“TODA CRIANÇA OU
ADOLESCENTE
TEM DIREITO À VIDA
EM FAMÍLIA”



Art. 49 Estatuto da Criança e do Adolescente





CAPÍTULO I

Definição, Processo e Caminhos da Adoção

Adoção é o instituto jurídico pelo qual um casal ou uma só pessoa aceita um estranho como filho. Esse instituto teve origem com os povos antigos que sentiam a necessidade de prover a falta de filhos com uma criança que tivesse nascido de forma clandestina.

De acordo com a legislação, para que o interessado pudesse adotar uma criança ela teria de ter 18 anos a mais que ela; quem adotasse não poderia ter filhos legítimos; o menor não poderia ser filho ilegítimo e era preciso o consentimento dos pais consangüíneos para a adoção formalizada, então, por autoridade competente.

Entre os Bárbaros, a adoção era permitida ao guerreiro que não possuísse filhos. Ele escolheria alguém que teria a tarefa de lhe suceder.

Em Portugal, nas Ordenações Filipinas, a adoção deveria ser confirmada pelo Príncipe e não passava de um título de filiação que concedia ao filho adotivo, o direito de pleitear alimentos.

Foi baseado nos princípios do Direito Romano, que o Código Civil Brasileiro consagrou o instituto da adoção.

Código Civil X Estatuto da Criança

Desde a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), as regras para a adoção se fundamentam nos dois documentos. Pelo Código Civil se faz adoção de maiores de 18 anos e menores de 21, por meio de escritura pública, sem que seja necessária autorização judicial.

O ato é irrevogável e está em harmonia com os artigos 47 e 49 do ECA. Uma vez consumada a adoção, com base nos dois documentos e mediante concessão judicial, a criança se desliga completamente de sua família de origem e os pais naturais não terão nenhum direito sucessório relativo ao adotado.

O Estatuto determina que a adoção seja realizada pelo Juizado da Criança e do Adolescente, sob a fiscalização do Ministério Público. Junto com a sentença judicial será expedido um mandado de Inscrição para o cartório de Registro Civil, onde será cancelado o registro de nascimento antigo do adotando e elaborado um novo registro, no qual constam os nomes dos pais que adotaram e, se for o caso, pode haver a mudança do prenome do filho adotivo.

Ainda sobre o processo

A adoção não é concedida a qualquer pessoa, apenas pelo interesse na criança. O primeiro passo para adoção legal é procurar o Juizado da Infância e da Juventude, que encaminhará ao setor de Colocação em Família Substituta, onde ocorre uma entrevista com os técnicos para obter as informações necessá-

as. A partir dessa solicitação, é feito o requerimento e agendamento de entrevistas com assistentes sociais e psicólogos.

A Lei estabelece 21 anos de idade mínima para se tornar um adotante, que deve ser 16 anos mais velho que o adotado. O adotante pode ser casado, solteiro, divorciado ou mesmo viver em concubinato. Para os casais, há a exigência de que ambos requeiram a adoção com assinatura dos dois em toda a documentação.

Como nos foi informado no setor competente do Fórum de São João da Boa Vista, a preocupação dos técnicos, psicólogos, assistentes sociais, promotor e juízes está sempre focada na segurança e felicidade da criança a ser adotada. Daí a necessidade de entrevistas e informações colhidas e analisadas por técnicos e psicólogos do setor, mediante visitas às residências dos pretensos adotantes.

A família da criança em estado de adoção tem sempre a preferência. O setor competente procura manter o menor junto de sua família de origem, quando não há possibilidade dessa união é que se permite a colocação em famílias substitutas.

As restrições para a adoção são muito poucas, a Lei dispõe que os irmãos não podem adotar os próprios irmãos e os avós não podem adotar os seus netos. No entanto, avós e/ou irmãos podem obter a guarda do menor. A guarda impõe ao guardião os deveres de assistência moral, material e educacional, e asseguram à criança todos os direitos, inclusive os previdenciários.

Já a adoção implica em alteração desta relação familiar. No registro de nascimento não consta que é filho adotivo.

A etapa mais longa é a da aprovação dos adotantes. Depois das entrevistas, da visita às residências dos pretensos ado-

tantes e esclarecidas todas as dúvidas dos técnicos do Juizado, esse processo segue para o Promotor que manifestará sobre a habilitação e retorna o processo ao Juiz. Existe um período de tempo em que o Juiz expede um termo de guarda antes de deferir a adoção, chamado de ‘Estágio de Convivência’. Neste prazo é possível desistir da adoção porque ainda não está formalizada.

As crianças disponíveis para adoção não são somente aquelas que foram abandonadas ou que não têm pais conhecidos, são também aquelas que vivem com seus pais biológicos, mas sofrem risco de desenvolvimento de saúde ou de vida, constatado pelo juiz.

Em São João da Boa Vista não havia crianças prontas para adoção no momento de elaboração deste livro. No entanto, nada impede que os interessados procurem o setor competente e se inscrevam como pretensos adotantes.

Caminhos e benefícios

A adoção é talvez a mais importante e difícil ação de cidadania. Abandonadas, ou colocadas em abrigos, em razão do descaso ou violência das famílias, as crianças dos programas de adoção aguardam uma chance de crescer com dignidade.

É preciso alguns cuidados com os caminhos escusos. A infância ainda sofre com a chamada “adoção à brasileira”, mediante a qual quem deseja adotar ignora o Programa da Justiça, procura ou aceita crianças entregues diretamente, às vezes pelos pais biológicos, e só depois busca o Juizado para oficializar o ato.

E há ainda outros passos, como o chamado mercado negro, em que o contato entre a família biológica e os adotantes é

feito por intermediários. Aí aumenta o risco de chantagens e ameaças, tanto à criança como aos pais adotivos que aceitam esse esquema. Há crianças que nem são entregues à Justiça, gerando vários problemas e, em função dessas manobras, o tempo de espera se torna ainda maior. Apesar do grande número de crianças abandonadas, a fila dos interessados é outra realidade, sendo assim, muitos acabam se rendendo a caminhos escusos, que quase sempre trazem conseqüências ruins.

Outros aspectos que precisam ser ponderados pelos pais adotivos são os benefícios oferecidos pela lei. No caso de adoção, as mães têm direito à licença-maternidade. Segundo a lei, todas as mulheres registradas na Previdência Social que obtiverem a guarda judicial para adoção ou que adotarem, têm direito à licença e ao salário-maternidade. Se a criança adotada tiver até um ano de idade, é concedida licença de 120 dias; para as que adotam crianças entre um e quatro anos, a licença é de 60 dias, quando adota crianças e de quatro a oito anos, a mãe tem licença de 30 dias. **(Lei 10.421/02).**

O processo de adoção mediante o Juizado é gratuito. Sempre que possível a criança deve ser registrada em nome dos seus pais biológicos e, quando o processo é concluído, o registro original é cancelado e é feito um novo, com todos os dados indicados pelos adotantes. Não pode constar em nenhum documento da criança adotiva qualquer indício de adoção.

O cartório não pode registrar uma criança adotada como filho sem recorrer ao Juizado da Infância e da Juventude. É crime e, se constatado, há punição de dois a seis anos de reclusão. Além disso, o registro de nascimento pode ser cancelado, dando aos pais biológicos o direito de recorrer à Justiça para reaver a criança.

Portanto, quem assume a responsabilidade de criar uma criança que não foi adotada legalmente, deve contratar advogado ou solicitar que a Defensoria Pública entre com o processo de adoção no Juizado da Infância e da Juventude da Comarca onde residem os pais biológicos da criança, que também são ouvidos no processo.

Toda mãe tem o direito de desistir da maternidade. Não há punição para quem desista, basta procurar o Juizado da Infância e da Juventude e legalizar a doação. Mas, abandonar uma criança, mesmo que entregue a outra pessoa, é crime. Cabe ao Juizado assistir às mães e ajudar a decidir sobre o fato, sem pressões ou interesses que não sejam o bem-estar da criança.

Adoção bitardia

Apesar de se conviver, de várias formas, inclusive com informações na mídia a respeito de crianças adotadas com mais idade, os bebês são os mãos focalizados e procurados. No entanto, a adoção bitardia também é uma realidade. Esse é o nome dado à adoção de crianças abandonadas ou desamparadas que têm mais idade. Nesse caso fica ainda mais evidente o ato de coragem dos pais adotantes.

Adotar um bebê é diferente, pois ele não passou por traumas e dias de angústia e solidão, e por isso não há uma carga negativa evidente, quer dizer, não há vícios, comportamentos herdados de um período, às vezes, sofrido ou sem regras nem limites. O bebê torna-se mais fácil de captar os hábitos éticos e morais que quem o adota. Já a criança mais velha pode ter algumas lembranças, medos, inseguranças e até traumas mais marcantes em relação à família biológica. O processo judicial é quase

o mesmo, o que altera é a aceitação da criança. Lembramos que a preferência de adoção é, quase sempre, por bebês brancos.

Outro aspecto que pode acompanhar uma criança mais velha é que às vezes ela está acostumada à solidão, à vida em instituições, orfanatos, onde os limites e os valores são diferentes.

Isso pode gerar atrito com a nova família porque a criança não se acostuma, por exemplo, às regras familiares. A revolta é maior pois a criança já cresceu sem um lar e de certa forma, rotulou-se como abandonada.

Também nesses casos o tratamento com psicólogos é fundamental e deve ocorrer tanto com os pais quanto com o filho. A partir do momento em que acontece a adoção, ambos têm de se socializar e aceitar um ao outro.

O aspecto mais positivo da adoção bitardia é, em geral, é para a criança, que passa a ter uma referência familiar. Uma família que valoriza e comemora seu aniversário, com quem passará as datas comemorativas em clima harmnioso. Passa a receber uma educação integral e se houver equilíbrio, uma adaptação bem orientada. Sendo assim, a conquista é bem sucedida, com final feliz.





“ UM DOS GRANDES
PROBLEMAS
RELACIONADOS À
ADOÇÃO É O FATO DE
ELA SER SEMPRE VISTA
COMO O ÚLTIMO
RECURSO PARA
PESSOAS INCAPAZES
DE TER FILHOS
BIOLÓGICOS ”



Dulce Barros





CAPITULO II

Preconceito, Traumas e Convivência

“**C**om o destino ninguém brinca”, diz o velho ditado. E o ditado talvez sirva de consolo ou respaldo à surpresa que um filho adotivo sente quando descobre, de forma errada ou inesperada, a verdade a respeito de sua origem.

Geralmente essa surpresa pode gerar revolta quando só na fase adulta ou adolescente descobre que é filho adotivo. As reações são variadas, geralmente de indignação diante da mentira. O mais adequado é administrar bem esse aspecto e seguir orientações de psicólogos ou do setor de Colocação, no Fórum.

Com certeza, adotar uma criança é uma decisão muito importante e, quando orientada e planejada, traz alegria para os pais que não podem ter seus próprios filhos biológicos, e para a criança que precisa de uma família.

Fator importante aos pais adotivos é a questão de conquistar a criança e isso se faz através da verdade. Quando os pais dizem sempre a verdade e transmitem segurança para o filho, dificilmente há revolta.

A orientação mais comum é a de que se conte a verdade desde o momento da chegada à casa de seus novos pais. Isso deve ser feito em doses certas, mesmo que ela não compreenda o significado das palavras. É importante dizer sempre: eu sou sua mãe do coração; eu escolhi você. Nós te esperamos muito (em caso de casal). Despejar amor, certeza e segurança, o que mais tarde será bem assimilado pela criança.

Com o passar do tempo, quase sempre ocorrem as interrogações: De onde vim? Você conheceu minha mãe? Por que eu estou com vocês? Nessa hora é preciso usar de naturalidade e tentar passar a informação da forma menos traumática possível. Aliás, o ideal é que a criança não sinta rancor, mas ame seus pais biológicos, que a fizeram, para alegrar o lar onde vive. Enfim, seguindo orientações e utilizando meios próprios a cada perfil de adoção, o importante é somar, orientar e nunca transmitir sentimentos negativos.

Quem opta pelo segredo eterno da origem, às vezes tem problemas maiores. O inesperado pode ocorrer, e essa informação ao acaso é que costuma gerar os traumas e o que é pior, pode promover a discórdia entre a família e a criança, que perde a confiança nos pais adotivos. A rejeição torna-se mais forte do que a própria adoção

Não é novidade saber que uma jovem se revoltou porque se sentiu traída, enganada, ao descobrir, sem nenhum preparo, que é adotiva. O fantasma da rejeição incomoda e tem uma força negativa que pode comprometer a harmonia pessoal e familiar. Mas ainda assim é possível- com paciência e muito amor- restaurar os laços de bem querer e, sobretudo, de confiança e amizade.

Psicólogos e terapeutas dizem que a criança tem o direito de conhecer a história de sua vida e o melhor é falar o mais cedo

possível. A revelação constante e enraizada é a mais recomendada e a que costuma dar os melhores resultados.

E o preconceito?

Sem dúvida, ainda há o preconceito. A sociedade não perdoa as diferenças. E muitas vezes esse preconceito está dentro de casa: irmãos, parentes e o próprio filho adotivo podem alimentar ou sofrer esse sentimento.

O adotado sente o preconceito, ao perceber que as pessoas o tratam de forma diferente ou quando fica na dúvida, sem saber de onde veio, por quem foi gerado e porque foi recusado. Por parte da sociedade, muitas vezes o filho adotivo é visto como o filho ou filha bastarda. E o que é pior, muitas vezes o adotado se rotula como órfão e sofre por isso. Também nesse caso, a orientação psicológica costuma resolver.

E me permitam algumas pinceladas da autobiografia. Aliás, um dos fatores inspiradores desta obra. Sou filha adotiva e vivi o meu próprio preconceito que ficou mais evidente na aparência física. Eu me sentia diferente. Não sou parecida com ninguém da minha família adotiva e isso me incomodou por anos, até que minha filha nasceu.

Na verdade o que mais me incomodava era a característica fisionômica de meu irmão, que é muito parecido com meu pai adotivo. Isso me chateava. Talvez quisesse ser parecida com ele. Mas foi só um período, um preconceito superado.

No entanto, vivi outro tipo de preconceito: alguns parentes sempre me pareceram engraçados. Uns me tratavam como rainha e faziam de tudo para me agradar, chegavam a mimar demais. Outros, tratavam com indiferença e eu sentia isso nos

finais de ano. A família se reunia no Natal e eu percebia que certos presentes que eu recebia dos parentes eram sempre mais simples; havia olhares de indiferença, como se fosse uma estranha, ou alguém a mais...

O leitor pode estar pensando: que bobagem... Mas não era. E isso me tornou distante desses parentes Não sei ficar quieta como antigamente e se algo incomoda, falo. Então, acho mais fácil manter a distância para não ser taxada como a má ou a coitadinha.

Mas cada caso é um caso e esse mal estar não pode ser considerado como regra. Citei apenas este exemplo, quem sabe, como um desabafo.

Ainda sobre a criação

A criação do filho adotivo vai depender dos pais e, geralmente, o seu perfil, seus traços de personalidade, dependem da forma como é tratado. Se o pai agrada demais o filho, com certeza vai se tornar mimado, estigmatizado como filhinho de papai, filhinho adotivo, e em geral, terá problemas. Sem falar que pode gerar mais revolta: *“me tratam assim porque sou adotivo e eles têm dó de mim por ter sido abandonado, desprezado”*.

Ao ser tratado com naturalidade e criado com tem irmãos (gerados pelos pais adotivos) pode acontecer o contrário: *“eles me tratam como qualquer um. Tanto faz se sou ou não filho verdadeiro...”*

Cabe aí a orientação adequada e bem assimilada durante todo o processo de adoção, lembrando que não há casos idênticos. Portanto, os pais precisam saber a hora certa de valorizar e até mimar na dose adequada, o filho ou filha adotiva.

No entanto, os pais adotivos também precisam estar preparados para outro tipo de reação. Há aqueles que conseguem se passar por vítimas para conseguirem alguma coisa. Mais uma vez entra a habilidade e segurança dos pais: saber dizer não na hora certa.

Importância da figura paterna

Sempre que se fala em adoção, a mãe acaba tendo maior espaço ou um papel aparentemente mais importante no contexto. No entanto, a figura masculina, o papel do pai, é de grande importância na vida de uma criança e a sua ausência, geralmente é comprometedora e pode até ser traumática.

Na composição familiar a imagem mais comum é a do pai no papel de sustento da família, amigão dos filhos, às vezes ídolo, outras, vilão. Mas quase sempre pouco ligado àquelas questões consideradas maternas: acordar de madrugada, trocar fraldas, levar os filhos ao médico.

No entanto, os pais são conselheiros e parceiros, principalmente dos filhos. Também são o termômetro, a palavra final nas decisões relacionadas às filhas pequenas ou adolescentes: amizades, escola, lazer, meio social, processo educacional.

O amor do pai é tamanho, algumas vezes, com casos engraçados: quando um homem fica sabendo que a companheira está grávida, sente, psicologicamente, os mesmos sintomas da gravidez. Chega a ter enjôos e desejos. Isso é engraçado, mas pode acontecer. Porém, quase sempre o interesse de adoção parte das mulheres.

Enfim, os pais adotivos amam seus filhos como se fossem verdadeiros. Digo isso por mim. Meu pai é sempre o pri-



meiro a saber das minhas vontades, de minhas decisões, de meus problemas. Minha ligação com ele é intensa. A confiança é mútua.





“TUDO QUE É
CERCADO DE
MISTÉRIO E DE
SEGREDO TAMBÉM
ACABA CERCADO
DE MITOS”

Dulce Barros





CAPITULO III

O porquê da entrega

Muitos são os motivos que levam uma mãe a entregar seu filho para adoção. Quando isso acontece, quase sempre é avisada das conseqüências que podem ocorrer, tanto para ela, quanto para a criança.

A dor da separação pode atingir aos dois: a mãe é vista como desumana, fria, pessoa sem princípios éticos ou morais. E o filho passa a ser o rejeitado, abandonado. Mas, nem sempre a sociedade analisa o caso de forma integral. Muitas vezes essa entrega pode ser por amor, uma vez que a mãe percebe que seu filho terá uma vida melhor, uma situação que ela não lhe poderia dar.

Sim, a mãe pode ter esse pensamento e desejar o melhor para seu filho, mas, mesmo assim, há o sofrimento. Em alguns casos, a sensação é de luto eterno. No entanto, há sentimento de tranquilidade: o filho está bem.

Existem situações em que a mãe entrega o filho porque o considera como uma forma de prisão, ou seja, entrega para se livrar, para não ter esse tipo de compromisso. É a falta de preparo, são os eternos problemas sociais.

Para alguns dos profissionais envolvidos com o processo de entrega para adoção, a mãe biológica é uma mulher desnaturada, que apesar dos nove meses de contato com o filho, não conseguiu desenvolver o vínculo materno.

Dizem que a idéia de entregar um filho é coisa tranqüila e que com o tempo a mãe nem se lembra, o que parece falso, porque a tristeza e até o remorso da mãe são praticamente inevitáveis. De modo geral as mães se sentem perturbadas nas datas de aniversário, nas reuniões familiares, em datas festivas.

Abandono

O abandono é outra questão que queremos abordar. E não significa apenas o ato da entrega. Abandono é manter a criança sem assistência moral e material. É o descaso, o descuido. Crianças abandonadas são aquelas que o pai e a mãe os mantêm, mas não se interessam por elas. São crianças desprotegidas.

Também são consideradas abandonadas, as crianças que não sabem cumprir com seus deveres, por falta de orientação; são contrárias aos bons costumes, éticos e morais, porque muitas vezes nem os conhecem, devido à negligencia ou até a exploração dos pais.

Enfim, abandonada é aquela criança submetida a maus tratos, distante de seus direitos como ser humano.

Entrega ou doação?

Doação é o termo utilizado em associações que cuidam da adoção. Doar ou dar refere-se ao ato de ceder, presentear, obsequiar, conceder, outorgar. Neste caso, doação implicaria na possibilidade da mãe biológica dispor da criança voluntariamente.

O fato ainda reflete o preconceito da sociedade em relação às mães biológicas, uma vez que a decisão de entregar era tomada por outros e apresentada como a única escolha. Antigamente costumava-se tomar a criança da mãe como uma forma de castigo. Isso, no caso das mães solteiras.

Como já citei anteriormente, muitos são os motivos que levam a mãe a entregar o filho, como: a pouca idade e a falta de condições econômicas e sociais.

E há aqueles casos em que a impossibilidade de ter filhos pode acabar com o casamento. Aí, a adoção passa a ser solução.

Em nossas buscas encontramos uma pesquisa interessante em relação às mães: as mães solteiras muitas vezes preferem doar o filho pensando em sua proteção, como se o fato de ser solteira fosse vergonhoso para o filho.

No entanto, de uma coisa tenho certeza, por experiência própria: quando nos tornamos mães, os nove meses da gestação não são somente para a formação da criança, mas também para a formação psicológica da mãe, que cria vínculos e laços fortes e verdadeiros.

Também acho engraçado o fato de doar uma criança pensando somente na ação e sentimento de liberdade e não nas conseqüências da perda, já citadas.

A mãe que talvez só pense nela, sem questionar o que se passa com a criança, é fria e desumana. E isso pode influenciar para sempre a cabeça de seu filho.

No meu caso, como adotiva, tenho a ciência de que minha mãe biológica morreu no parto. Mas, penso se talvez ela não tivesse morrido, teria me deixado? Acho que sim, pelo simples fato de meu pai biológico ser desconhecido.

Mas isso é apenas uma conjectura, ou quem sabe, mais um desabafo.

O amor do pai adotivo

O amor dos pais adotivos pode ser até maior que o de pais biológicos. A mãe biológica ama seu filho desde a concepção, ou seja, desde que soube da gravidez.

Contudo, a mãe que adota tem um amor sem limites, porque ela não gerou, mas consegue construir o vínculo desde o primeiro encontro. Há momentos marcantes, desde a escolha da criança no orfanato ou instituição até à legalização junto ao Juizado.

Quem adota um filho gerado por outra pessoa, tem de ter equilíbrio e coragem ao mesmo tempo. A personalidade de toda a criança é uma surpresa, um mistério, que vai sendo desvendado com a convivência. Como será sua índole?

Pois bem, vamos partir do princípio que é difícil para uma mãe biológica cuidar do seu filho, mesmo conhecendo sua genética, sabendo que é parte de si mesma. Agora, vamos imaginar uma criança de origem desconhecida e cuja gestação pode ter sido difícil. Como será a sua evolução?

Com certeza, só um amor sem limites pode respaldar esse ato de coragem e determinação. O carinho, a compreensão, o afeto são apenas conseqüências desse enorme desafio, mas na verdade, a maior bênção para uma mulher que não pode ter filhos, por exemplo, é conseguir viver a maternidade de outra forma: como mãe do coração.

E o amor é tanto, que não fica difícil arranjar coragem para encarar a própria família, a sociedade e toda a forma de preconceito.

Os mitos da maternidade

“Os mitos sempre têm sua fonte na vida comum e nas experiências de uma comunidade humana em particular. Eles terão a marca de sua cultura e persistirão durante gerações como parte de sua tradição” (Knox)

Os mitos fazem parte do patrimônio cultural e deles estamos impregnadas. Aliás, há um mito que resiste ao tempo, em se tratando de adoção: o mito da “boa mãe”. É o mito da mãe sagrada, devotada unicamente aos filhos, que continua a ser transmitido, de geração a geração, indiferente das modificações e dos costumes. Existem alguns mitos que são os mais conhecidos em relação à adoção, um deles é o que diz que as crianças adotadas são as mais problemáticas. Mas não é assim como falam. O fato não se justifica.

Vínculos estabelecidos com pais biológicos ou adotivos são os responsáveis pelo bem estar da criança: amor, segurança, auto-estima e sinceridade.

E me permitam voltar à minha história: o fato de ser filha adotiva não justifica a maioria de meus problemas. Deixariam de existir problemas ou situações difíceis em minha vida, se não fosse adotiva? Claro que não!

Outra coisa que falam muito a respeito dos mitos é que o filho adotivo tem curiosidade e interesse em conhecer os pais biológicos. Novamente discordo. A maioria dos filhos adotivos que conheço não quer saber quem são os pais! Alguns querem saber se os pais estão vivos e porque os abandonaram. Eu, por exemplo, jamais deixaria meus pais adotivos para ir atrás dos biológicos. Aliás, acho que seria uma grande injustiça.

Mais um mito, talvez o mais sério, é o da criança adotada com mais idade, que por ter vivido maior tempo no abandono, é mais revoltada. Sim, acredito que isso seja grave. Porém, o amor, a compreensão e a tolerância são capazes de superar essa ausência de lar e de família.

Algumas teorias afirmam que crianças adotadas tardiamente entendem melhor a situação e podem se adaptar melhor à nova vida. Mito ou realidade? O mais importante é a conquista, a união, a alegria de ter um filho ou filha e poder acompanhar o seu desenvolvimento.



“SE HÁ UM MOMENTO
NA VIDA DA GENTE
QUE COLOCAMOS
COMO DE MAIOR
EMOÇÃO, SEM
DÚVIDA, NA MINHA
VIDA FOI O INSTANTE
EM QUE ME
COLOCARAM NOS
BRAÇOS A MENINA
LINDA DE OLHOS
NEGROS E GRANDES”



Fátima Ribeiro





CAPITULO IV

Uma história de amor e doação

Este capítulo é dedicado à história de uma mãe que está ligada à inspiração deste trabalho. Como já disse anteriormente, desde o primeiro ano do curso de Jornalismo elegi a minha professora Maria de Fátima dos Santos Ribeiro, para orientadora do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Eu queria escrever algo fundamentado na minha história, enquanto filha adotiva, bem sucedida. Ela aceitou o desafio e não escondeu a alegria quando soube que também era parte desse fundamento e de minha inspiração.

Fátima não é adotiva, mas adotou uma filha. E a sua história também é bem sucedida, um verdadeiro ato de amor e generosidade. A filha, já adolescente, reflete essa realidade. E ela nos conta sua história, que compõe este capítulo, como um incentivo à adoção.

A história de Fátima e Ana Lydia começou em 1991, quando ela decidiu ser mãe. Solteira, vivia, naquele ano, o reflexo de três perdas significativas: a mãe, o noivo e o pai. Todos se foram em um período de quatro anos.

A família biológica de Fátima é pequena. Muito pequena. Pais europeus – ela nem chegou e conhecer os avós – e um

único irmão biológico, sete anos mais velho que ela, com quem pouco convive e que não teve filhos.

Fátima não tem tios, nem primos e nem sobrinhos. Portanto, poderia ser uma mulher literalmente só. No entanto, tem uma irmã, também adotiva, que foi agregada à família desde os 13 anos e até hoje, aos 62, vive com ela. A irmã do coração a quem ela se dedica, com afeto.

E veio a Ana Lydia, adotada aos oito dias de idade agora com 15 anos, é considerada o grande sonho realizado depois de uma “gravidez de 11 meses”, como a mãe costuma contar.

Minha estrela-guia

Esse é o título de um pequeno livro que Fátima está escrevendo em homenagem à filha Ana Lydia. *“Comecei a escrever depois que minha filha chegou. Na verdade, quando ela já tinha cinco anos. Devido a sérios motivos, a obra está arquivada. Faltam alguns arremates à edição. Quero oferecer esse livro à minha filha quando ela completar 18 anos”*.

Fátima destacou que o título tem muita relação com o significado que a filha trouxe à sua vida, depois de todas as perdas seqüentes. *“Fiquei sem chão e confesso: o mundo me parecia um enorme cenário em preto e branco. Mas quando entrei no Fórum de Jundiaí e fiz minha inscrição no setor de Colocação Familiar, tudo mudou. Nunca fui depressiva, mas garanto, a vida voltou a ser colorida. Era o brilho da ‘estrela’ que estava por vir”*.

A espera de Ana Lydia foi um período de intensa movimentação em casa de Fátima. *“Era como uma gravidez prolongada e cheia de entusiasmo. Eu imaginava o melhor para ela.*

E se há um momento na vida da gente que colocamos com o de maior emoção, sem dúvida, na minha vida foi o instante em que me colocaram nos braços a menina linda, de olhos negros e grandes, que me olhava com tamanha expressividade, como se já fôssemos íntimas. O vínculo estava criado”.

Já se passaram 15 anos e Fátima continua uma mãe apaixonada. Claro, entre tropeços, divergências, conflito de gerações – há cerca de meio século na diferença de idade entre mãe e filha – o que não compromete o bom relacionamento entre as duas.

“Mas nem tudo são flores e nem poderia ser. Acho que o importante é cada desafio vencido Olha, não é brincadeira e nem deve servir de exemplo, adotar um bebê quando já se tem quase 50 anos. Às vezes, é barra! Mas, acredite, deu certo. Não me arrependo nem por um instante”.

Fátima confessa que comprou uma briga com ela mesma. Muito mais que um desafio. Mas há um brilho enorme em seus olhos quando se diz realizada e cada vez mais convicta de ter tomado uma feliz decisão: *“nunca me senti derrotada e hoje posso dizer com propriedade, que minha filha é a prova de que fiz a coisa certa”.*

Ana Lydia completou 15 anos dia 4 de junho. Geminiana convicta: gênio forte, determinada, inteligente. Atributos muitas vezes contrastantes à meiguice, afeto e atitudes que recompensam a luta diária de Fátima. *“Minha filha é minha grande amiga, uma companheira. Às vezes as idéias são divergentes. Mas ela está sempre disposta a compartilhar comigo os seus sonhos, anseios, medos, dificuldades e decepções... Enfim, temos diálogos diários, conflitantes, fortes, mas profundamente amistosos. Uma rotina interessante. Sem dúvida, Ana Lydia é minha estrela-guia”.*

Medo? Um pouco.

A decisão de adotar uma filha em idade mais madura tumultuou um pouco a rotina de Fátima. *“Muita gente me criticou. Os preconceitos eram evidentes. E como me punham medo! Diziam: como será a índole? Você nem sabe de onde ela virá. E se for doente? Ah, quando ela souber que você não é mãe dela, vai se revoltar. O que você vai dizer?”*

Enfim, não faltaram alertas, que mais pareciam empurrões contrários. Mas, sem dúvida, a vontade, o amor sem limites, foram mais que suficientes para vencer esses ataques. *“Eu me preparei e tenho certeza de que fui contemplada”*.

A título de dica e estímulo registramos algumas atitudes dessa mãe adotiva e o relacionamento com a filha, ainda bebê. *“Desde o primeiro instante em que chegou em casa, Ana Lydia ouvia que eu era a mamãe do coração. Falava muito sobre isso, com muito carinho. Eu sempre tentei passar à minha filha o quanto ela foi esperada!”*

Aos poucos Fátima contou uma história linda para sua filha. Dizia que ela veio do céu. Que Deus permitiu que ela fosse a escolhida entre muitas crianças de um berçário. Ela também contou que pediu muito a Deus e a escolha foi perfeita: *“Eu acho que nos escolhemos. Uma escolheu a outra, porque quando nos olhamos nunca mais conseguimos nos separar. Você já era minha”*, dizia e diz sempre. Ana Lydia adora essa história e quando era mais novinha pedia sempre que a mãe lhe contasse a história do bercinho. E dormia feliz, sorrindo.

Mas na história de Fátima e Ana Lydia havia mais uma personagem. Ela sempre disse à sua filha que havia a mãe biológica, que a gerou para que ela estivesse onde está. E ambas

rezam e agradecem a Deus pelos pais biológicos de Ana. Pedem proteção a eles e com isso a garota não reflete revolta e nem mesmo curiosidade em saber onde estão ou quem são seus pais biológicos. Ao que parece, é uma jovem feliz, que não escapa à rebeldia da idade, mas sem nenhuma consequência desastrosa.

A conversa com Fátima foi longa. Tempo suficiente para percebermos a consciência e a certeza de que a filha adotiva é a sua verdadeira razão de ser. E depois de uma história de tamanha importância, registramos a sua mensagem e convidamos você, leitor, a refletir:

“A adoção é muito mais do que um ato de amor. No meu caso, solteira, fazendo papel de pai e mãe, é quase uma ousadia. Agora, um casal estruturado, que não possa ter filhos ou que queira ampliar a sua família, deve adotar, sim, sem medo. É prazerosa a sensação de proporcionar o bem, de constituir uma família ou de dar essa chance a uma criança. Eu recomendo. Mas, claro, é preciso estar preparado e consciente de que viverá o desafio, comum a todos os pais, por mais biológicos que sejam”.





“POR TUDO, RATIFICO O
ORGULHO PELOS
MEUS PAIS ADOTIVOS.
OS ADMIRO E
AGRADEÇO POR ME
ADOTAREM”



Fabiana Ernesto





CAPÍTULO V

Agora, a vez da Autobiografia

A autobiografia é um relato retrospectivo em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando põe o acento em sua vida individual, concretamente na história de sua personalidade. Essa identidade pré-textual constitui a condição fundamental para a autobiografia, o leitor pode duvidar da veracidade dos fatos, mas nunca dessa identidade. (Bella Josef).

E escrever sobre minha adoção é uma honra. Um orgulho por ter sido escolhida por meus pais, entre várias crianças. Conta minha mãe, que fui escolhida no dia 15 de setembro, na cidade em que nasci: Guaxupé.

Conforme me dizem, minha mãe biológica morreu no parto, de eclampse (pressão alta). Mas também contam que durante a gestação ela já tinha me doado, devido à idade e condições financeiras. Ou quem sabe, porque não me queria mesmo.

O que importa é que amo meus pais e não faz diferença o que realmente aconteceu. Na verdade, quem contou toda a história para minha mãe adotiva foi minha avó biológica, que não sei se ainda está viva. Nunca mais ouvi falar. Hoje, tenho 28 anos e é o que sei.

Em relação ao meu pai biológico, nunca fiquei sabendo nada, nem procurei saber. Tenho loucura por ele e não faz diferença se a pessoa que contribuiu para que eu viesse ao mundo ainda existe.

O que me interessa, na verdade, é que meus pais, os que me criaram, são pessoas corajosas, íntegras, verdadeiras, que me amam, me aceitam, me educam. São minha vida. Lembro-me que meus pais sempre diziam que eu era filhinha do coração. Sempre falavam isso, até que um dia minha curiosidade foi despertada: o que é filhinha do coração, afinal? Explicaram-me e nada mudou, pelo menos para mim. Eu os tenho e isso basta!!

Às vezes eu perguntava por que me adotaram? A resposta era que minha mãe adotiva perdeu o útero, muito nova. Já tinha um filho e queria outro, de preferência, uma menina. E aqui estou. É isso que eles contam.

Não sei se é por Deus, destino, coincidência. Nasci (ou melhor, fui adotada) no dia em que meu irmão completou sete anos: 15 de setembro. Essa ficou sendo a data de meu aniversário. Não tenho a informação exata sobre o dia de meu nascimento.

Voltando à adoção, se você me perguntar o que é ser filha adotiva? Eu posso responder que é uma vitória, uma honra. Já pensou onde eu estaria se meus pais não tivessem me encontrado? Existem várias hipóteses: orfanato, Febem, prostituição, drogas, não sei. Nem gosto de pensar nisso. Porém, dói saber que existem muitas crianças perdidas por aí, órfãos, carentes, traficantes e tudo o mais, porque não tiveram a mesma sorte que eu.

Não tenho motivos para reclamar. Tenho família, amigos, nome e sobrenome. Posso dizer que tive e tenho tudo. Estou

terminando a segunda faculdade, tive a oportunidade de fazer vários cursos. Mas o mais importante: tive e tenho amor. Eu recebi e recebo o amor de meus pais. E peço licença a você, leitor, para apresentar minha família. Venha comigo...

Meu pai

O homem mais íntegro que conheço. Pessoa batalhadora, corajosa, verdadeira. Não vejo defeito nele; é a pessoa na qual me espelho. Meu pai é aposentado, morou em várias cidades devido ao emprego. Era bancário. Sempre que vejo o Banespa, atual Santander, lembro-me dele trabalhando e eu brincando naqueles balcões verdes. Bons tempos...

Quando me adotaram moravam em São Paulo. Moramos lá algum tempo e depois passei por Itobi, Santa Cruz das Palmeiras, Caconde. Voltamos para Itobi e finalmente em Guaxupé. Ele morou em outras cidades: Jundiá, Itu, Itupeva, Cabreúva, até que se aposentou.

Como era novo na época, para não ficar parado começou a trabalhar como voluntário em algumas Instituições. Hoje tem vários compromissos: é presidente de uma creche, de uma instituição de carentes, faz parte da Diretoria do Banco Acicred. É membro do Conselho de Ação Social do Município, faz teatro, participa de festas, enfim, é dinâmico e solidário.

Nossa relação é boa, às vezes discutimos, mas sempre chegamos a um acordo. Nunca menti para meu pai, só omito algumas coisinhas. Conversamos muito, pelo olhar, principalmente. A confiança e o respeito que existem entre nós é fundamental, para nossa amizade e sobrevivência.

Uma pessoa de significativa importância na minha vida.
Eu o amo muito!

Minha mãe

Uma pessoa maravilhosa. Foi ela quem me escolheu. Também é uma pessoa batalhadora, sincera e amiga. Minha mãe tem comércio há 25 anos, mais ou menos, e se esforça muito para cuidar de casa e da loja. Ela sempre me orientou e me ensinou a ser quem sou hoje: boa filha, boa mãe, prezada, honesta e íntegra.

Tudo que sei, devo a ela, com seu jeito calmo e sereno de falar e explicar as coisas.

Muitas vezes discordamos uma da outra porque temos opiniões e pensamentos diferentes. Como ela passa muito tempo na loja, nos encontramos pouco, o que evita desentendimentos.

Agora, neste ano de 2007, saí de casa para morar em São João da Boa Vista. Ela e meu pai me ajudam muito em relação à educação e cuidados com minha filha. Eles são muito dedicados a ela e estão suprindo minha ausência.

Minha mãe é sossegada, fica mais em casa nos finais de semana. Nos momentos mais difíceis, sempre estive ao meu lado: cirurgias, gravidez, brigas com o namorado... Mãe é mãe, não tenho do que me queixar.

Meu irmão

O Silvio é um companheiro e tanto, nunca me tratou com indiferença, por ser sua irmã adotiva, nunca me discriminou. Foi ele quem cuidou de mim, trocava fraldas, dava banho e comida. É uma pessoa especial e diz que sou o seu presente de aniversário.

Brigávamos muito porque sou ciumenta demais. É horrível, mas sou obcecada por ele. Quando fiquei grávida, ele foi a primeira pessoa a saber. Entreguei a ele meu maço de cigarros. Não falei da gravidez, apenas entreguei o maço e falei que ia ficar um tempo sem fumar.

Ele me ajudou demais, principalmente a contar para os meus pais sobre a gravidez, porque eu não tinha coragem. O medo falava mais alto. E o Sílvio me surpreendeu, pensei que iria me punir. Ao contrário, foi o que mais ajudou, apoiou. Ele é o padrinho da minha filha, e já é papai. A Isabella chegou dia 05 de junho.

Minha filha

A Natalia é a minha vida. A pessoa que veio ao mundo para me completar. Amo meus pais, porém a Natália é a única pessoa que tenho, de verdade. É sangue do meu sangue. Minha filha é meu xérox.

Quando decidi morar em São João, ela me apoiou muito e soube que era para o nosso bem. Ela entende que estou fazendo nossa vida e construindo o futuro dela.

É a melhor coisa que Deus colocou na minha vida. Uma surpresa abençoada. Digo isso porque perdi o ovário direito aos 15 anos e tenho um problema no útero: é retrovertido. O médico dizia que nunca teria filhos e a Natalia está aí. Primeiro, a preocupação, pois estava sentada e assim ficou durante o período de gestação. Mas foi um parto perfeito.

Hoje, posso definir minha “princesa”, como o complemento supremo da minha vida. É tudo, simplesmente tudo, na minha vida. Sem ela não sei o que seria de mim.

Aos sete anos, é uma criança esperta, serena, sincera, ar-teira, inteligente e compreensiva. É meiga, vaidosa, caprichosa. Vida da minha vida.

Quem sou eu

Como falei de minha adoção, de minha família, agora vou falar um pouco de mim.

Nunca gostei de estudar. Parei no segundo ano do Ensino Médio e retornei depois de dois anos. Concluí meu curso em 1999, grávida da Natália.

O ano de 2000 foi dedicado à minha filha. Sempre quis fazer Jornalismo, mas não tinha coragem de deixar uma criança pequena para estudar em outra cidade. Decidi então, fazer Letras. Comecei em 2001 terminei o curso em 2003. Logo de início, comecei a lecionar, e fiquei cinco anos trabalhando com o Ensino Médio.

Em 2004, comecei o curso de Jornalismo em São João da Boa Vista. Não foi fácil porque viajava todo dia. Cansativo ficar no ônibus durante três horas. Por três anos fiz esse itinerário, ate que, muito cansada, não agüentei, mudei de cidade. Uma cidade quente e longe de minha filha, de minha família.

Por um lado foi bom, porque pude me entregar de corpo e alma à faculdade e a este livro.

Agora, reta final. E o que é melhor, já pensando um manter os meus estudos, não parar, preparar-me para oferecer o melhor a minha filha. Este é um pouco do meu perfil, que fica registrado nesta obra, com a qual encerro meu curso de Comunicação Social. Mais uma vitória!

A meus pais adotivos

Depois de algumas apresentações, de volta à adoção. Quero registrar a coragem de meus pais e, na figura deles, reforço a coragem de todos que viveram (ou viverão) o ato de adotar uma criança.

Li uma vez e anotei: “... Adotar um filho é sempre um ato de coragem, especialmente para as mulheres. Afinal, é preciso enfrentar o desejo da família de ter um neto que carregue suas características genéticas; o preconceito da sociedade em relação às crianças abandonadas e principalmente o medo irracional que muitas vezes sentimos, de tratar como filhos, crianças que não sabemos de que famílias vieram”.

Essa citação, cujo autor não me recordo, diz tudo. Não é fácil criar uma criança sem saber de onde veio, como foi gerada, se será rebelde, calma, saudável.

Por tudo isso, ratifico o orgulho pelos meus pais adotivos. Os admiro e agradeço por me adotarem. Eu não tenho nada a pedir para Deus, somente agradeço por estar viva. Quem sabe você não ouça isso, um dia, daquele filho ou filha que irá adotar? Não tenha medo. Prepare-se e ajude uma criança a encontrar uma família.





“COMO É BOM SABER
QUE DOIS AMIGOS
NESSA SITUAÇÃO
AMAM SEUS PAIS
ADOTIVOS E
AGRADECEM POR
ESTAREM COM ELES E
TEREM UM LAR, UMA
FAMÍLIA”



Fabiana Ernesto





CAPITULO VI

Quero adotar um filho. E você?

Não é fácil escrever a primeira obra. Durante a elaboração deste livro os sentimentos se misturaram: medo e dias de angústia. Era impossível controlar a tristeza diante da quantidade de crianças abandonadas e esquecidas. Optei por não visitar crianças em orfanatos ou instituições. A carga seria muito pesada.

Mesmo assim a pressão foi grande. Houve dias em que não conseguia escrever nem pensar em nada. Mas, muitas vezes, na calada da noite acordava e escrevia um ou dois capítulos. De repente, o que era um sonho virou pesadelo: o curso e o livro... Não via a hora de acabar tudo para ficar longe de tantos pensamentos e tensões.

Entrando no tema escolhido, como digo em alguns capítulos, sempre agradei por estar viva e ter meus pais, minha casa e meus amigos. Mas, quase nem me lembro que sou filha adotiva. O fato não faz diferença. E trabalhando este livro e pensando no assunto, foi demais! Confesso que houve momentos de um envolvimento complicado. Mas o final foi feliz.

Gostei muito das longas conversas com amigos que também são filhos adotivos. Todos sabem e não demonstram curi-

osidade para conhecer os pais biológicos. Aliás, tem uma amiga que conheceu a mãe biológica, mas, pelo que me disse, nada mudou.

Como foi bom saber que dois amigos nessa situação amam seus pais adotivos e agradecem por estar com eles e terem um lar, uma família. Dizem, através dos olhos, como estão felizes! Ambos são adultos, bem formados e lutam pelo futuro. Ela é professora, minha amiga há quase 15 anos; ele é músico e conheci por acaso, é meu vizinho de apartamento.

Enfim, escrever **Adoção: de mãos dadas para a vida** foi um aprendizado e uma grande lição de vida. Certamente, para muitos leitores veio a descoberta de que adotando um filho podemos construir ou oferecer uma família e o que é melhor, consegue-se fazer uma criança feliz.

E quem sabe alguns filhos adotivos lerão este livro com os olhos do coração, do amor, da dedicação. Essa é nossa intenção: incentivar a adoção e homenagear quem se entrega a este ato. Ao mesmo tempo homenageamos a todos os filhos e filhas do coração e comemoramos com cada um a conquista de uma família de verdade.

Agora, quero compartilhar com você, querido leitor, o que talvez seja o melhor resultado desta obra, para mim: de repente nasceu uma vontade forte de adotar um filho, para ser o irmão de minha filha biológica. Nada mais justo que tirar uma criança da rua e lhe dar um lar. Se meus pais fizeram isso, também posso fazer. Estou feliz.

Ao final, uma questão para os queridos leitores: depois desta leitura, você adotaria um filho?

CAPITULO VII

Histórias de adoção

Quando se fala em adoção, o que vem à mente são somente casos positivos e de sucesso. Mas é preciso lembrar e destacar que nem todos os casos são felizes. Muitos são os motivos que podem comprometer a adoção: a descoberta por terceiros e não pelos pais adotantes; a percepção da não semelhança física; a descoberta, sozinha, da adoção, ou seja, o filho vai investigando seu histórico, suas raízes etimológicas e descobre que é filho adotivo.

Nesse caso, quase sempre a revolta é grande e pode causar problemas como: fugir de casa, não confiar mais nos pais, mexer com drogas, álcool... Enfim, depende de cada um e da criação que recebe.

Conheci um moço que vou chamá-lo de Fabiano. Pois bem, Fabiano tinha uma vida normal, brincalhão, feliz, sempre teve tudo na vida, até que chegou a adolescência e foi percebendo que era diferente de seus pais e seu irmão. Todos em sua casa eram claros de olhos castanhos e Fabiano é moreno, bem moreno. Na escola, segundo ele, os colegas diziam que era diferente da família. Diziam que os pais o pegaram no lixo, na rua e foi assim por muito tempo.

Um dia Fabiano resolveu perguntar para os pais o porquê de ele ser diferente e falou sobre sua aparência. Os pais, sem saída, resolveram falar a verdade. Mas, sem preparo nem condições para uma conversa franca. Claro que o menino se revoltou e disse que os pais deveriam ter falado antes que ele era adotivo. Quis saber tudo sobre sua história, sobre seus pais verdadeiros, desde o começo de sua vida, inclusive porque o adotaram e porque omitiram a adoção. Todos tiveram que se adaptar porque o menino perdeu a confiança e o respeito pelos pais. O relacionamento familiar tornou-se complicado e certamente não poderia ser diferente. Vale ressaltar que contar a verdade é a melhor coisa a fazer.

Casos assim como o dele acontecem quando a descoberta da adoção se torna uma confusão e quando a verdade é ocultada e a criança cresce em torno da mentira. Não conheço muitos filhos adotivos nem casos de adoção que não deram certo, os poucos que sei são contados por terceiros, como exemplo para minha vida.

Contaram uma vez a história de uma menina que ficou sabendo da adoção através dos parentes, a menina ficou muito revoltada e saiu de casa. Ela perdeu totalmente a confiança nos pais e nos parentes, se sentiu abandonada e sozinha. Como porto seguro tinha os pais e esses, traíram seu amor.

A maioria das revoltas e traumas que acontecem vem da surpresa da adoção, ou seja, quando a pessoa fica sabendo depois de certa idade. A adolescência é um período em que esse tipo de surpresa pode ocasionar maiores problemas de ordem emocional. É a época em que o adolescente começa a perceber melhor a aparência física e outros 'segredos'.

Destaco mais uma vez a questão da genética, o sinal mais visível de que nossos pais não nos geraram, por exemplo. Vale

ressaltar, que muitas vezes a genética também surpreende e a convivência pode tornar pais e filhos (mesmo adotivos) parecidos.

Na mesma situação que a minha, de sucesso, conheço dois amigos, que já citei em algumas partes do livro e também recorro a história de dois parentes.

Os amigos são a Fabiana 1 e o Fabiano 2, nomes fictícios para não invadir a privacidade deles, por simples precaução. Na verdade, minha intenção era focalizar ou pelo menos enfatizar apenas a minha história.

Pois bem, Fabiana 1 sempre soube da adoção, seus pais são claros de olhos verdes e ela é negra. Nesse caso a biologia já mostrou a diferença desde pequena e a adoção era um fato que não tinha como ser omitido. Hoje ela tem 27 anos, aceita e agradece a seus pais por ser filha adotiva. Não se importa em falar do assunto.

Fabiano 2 também aceita a vida de filho adotivo, sempre soube da adoção e nunca se revoltou com o fato. Em, várias conversas que tivemos não me contou se sabe do paradeiro de seus pais biológicos. Por se tratar de um assunto delicado não questionei muito. Disse no início da conversa queria falar sobre a adoção e deixei aberto para que falasse o que quisesse. Disse que soube desde pequeno e que não faz diferença ser filho natural ou adotivo. Afirmou que ama e também agradece aos pais pela vida que leva.

E tem o caso dos tios. Meus tios. Ambos são integralmente da família: são primos dos irmãos, ou seja: a mãe morreu quando eles tinham quase 10 anos e foram adotados pela minha avó-materna. Os dois então são irmãos-primos. Aceitaram a adoção e nunca se revoltaram com o fato. A diferença deles e a do resto dos meus entrevistados é que conheceram

a mãe biológica, que faleceu e foram então adotados por membros da família.

Detalhe importante nessa história os dois não são filhos dos mesmos pais, cada um foi adotado na mesma condição só que com pais diferentes.

Como já escrevi, não achei muitos casos de adoção que não deram certo, fui então pesquisar na internet e conversar com uma assistente social e psicóloga. São realmente poucos os casos mal sucedidos e os que não deram certo foi por causa da adaptação entre filhos e pais.

Vale ressaltar o “Estágio de Convivência”, já explicado no primeiro capítulo. Recordando, é o tempo dado pela Justiça para que haja empatia do casal com o filho ou vice-versa. E esse tempo de convivência é importante para que não aconteçam erros na adoção e que no futuro venha a causar traumas e desgostos para todos. Pelo menos nesse aspecto a Justiça é certa.

Identidade genética

Esse era um assunto que não queria tratar por ter achado que magoaria meus pais e a mim mesma. Porém, pesquisando sobre o assunto percebi que poderia tratá-lo de uma forma racional não envolvendo minha identidade genética. Fácil não é escrever sobre assuntos que tratam do nosso interesse sem se deixar envolver. Consegui.

Nas pesquisas, na parte que nos interessa –adoção– confirmamos que ser pai e mãe não é apenas gerar ou ter vínculo genético com a criança. É muito além de tudo isso. É quem cria, ampara, dá amor, carinho, educação, dignidade. Como já citei em algumas partes, ser pai e mãe é a pes-

soa que realmente exerce essas funções em atendimento ao melhor da criança, do adotado.

Essas questões de adoção estabelecem entre pais e filhos o aspecto sócio-afetivo, tendo em vista que não existe ligação biológica entre os envolvidos. Portanto, a filiação estabelece não apenas pelo vínculo biológico, mas também o vínculo afetivo que atende ao princípio do interesse da criança e do responsável.

Isso nós já sabemos, qualquer filho adotivo sabe que o maior laço que os une aos pais é o sócio afetivo, no caso o amor. Contudo, o filho tem o direito de investigar sua identidade genética, e os pais não têm o direito de impedir essa investigação.

Esse direito ao reconhecimento da origem genética é direito da criança, não sendo passível de obstáculos, renúncias ou disponibilidade por parte da mãe e do pai. Importante saber que ter direito ao reconhecimento da origem genética, não significa discriminação da filiação adotiva em relação à filiação biológica.

E falando em pais, como que deve ficar a cabeça deles sabendo que o filho quer saber de sua genética? Questão essa que me deixava nervosa ao pensar que deveria fazer essa pesquisa.

Buscar a identidade genética não significa a separação de paternidade dos pais adotivos. O filho só conhecerá seus pais biológicos se quiser, o que não se pode, é negar esse direito e fazer com que o filho cresça sob mentira.

Ao negar para o filho adotivo a identidade genética, os pais estarão omitindo explicações para as dúvidas e questiona-

mentos que surgem na vida, como explicações sobre características fenóticas, índole e comportamento social, entre outros.

Falo tanto em adoção, mas nem lembro se escrevi sobre o seu significado etimológico. Adoção = ad + optare. Ad – aproximação no tempo e no espaço, optare – opção, surge então o significado, opção por aproximação.

Palavras que nos revelam que é por opção e que ‘sangue’ não tem nenhuma importância. Aí entra a questão da adoção no sentido amplo, os seres vivos se adotam ou não. Um marido adota a mulher, adotamos filhos, amigos, idéias, direções políticas, estilos de vida, e para isso a questão sangue não interfere.

Quando os pais têm filhos adotivos, eles têm a certeza de que o filho foi feito para eles não importando a diferença genética. Aliás, a genética só é relevante na semelhança física, e quem é que se importa com isso, em se tratando do amor, da escolha, da vida?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEVILAQUA, Clovis apud SILVA FILHO, Artur Marques. *O regime jurídico da adoção estatutária*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997.

BIAL, P. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Jorge Zabar Ed, 2004

ECA – *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei 8.069*. Rio de Janeiro: Auriverde, 1990

FONSECA, C. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez, 2006.

GONÇALVES, C. R. *Direito de Família*. São Paulo: Saraiva, 2002.

LAGE, N.A. *Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LIMA, E.P. *O que é livro reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIMA, E. P. *Páginas Ampliadas: O livro reportagem como extensão do jornalismo e literatura*. Barueri - SP. Manole, 2004.

MEDINA, C. *Entrevista: O diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2002.

NEVES, M.C.A. *Vademecum do Direito da Família: à luz do novo Código Civil*, 2003.

VILAS BOAS, S. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002

WEBER, L.N.D. *Laços de Ternura: Pesquisas e Histórias de Adoção*. Curitiba: Juruá Editora, 2004

WEBER, L.N.D. *Pais e Filhos por Adoção no Brasil*. Curitiba: Juruá Editora, 2003.